

**O NACIONALISMO BRASILEIRO E O INDIANISMO EM FORMA DE POEMA: A EXALTAÇÃO DO EU LÍRICO FEMININO E DO AMOR RECHAÇADO EM MARABÁ, DE GONÇALVES DIAS**

Yzy Maria Rabelo Câmara<sup>30</sup>

Yls Rabelo Câmara<sup>31</sup>

**Resumo**

No presente artigo, tratamos do nacionalismo brasileiro expressado por Gonçalves Dias em sua obra e, como exemplo disso, *Marabá*, um de seus mais emblemáticos poemas, onde o eu lírico se exprime por meio da dor da exclusão da personagem de seu *habitat* e pelo lamento da ausência do sentimento de pertença, tal como ocorrera com o poeta. Apesar de sua ascendência lusitana por parte de pai, Gonçalves Dias era um saudoso da terra que o vira nascer e crescer, de seu amado Brasil quando se encontrava em terras portuguesas. Exaltando as belezas naturais nossas dentro e fora de seus contornos geográficos, em plena efervescência da primeira fase do Romantismo e na busca de um herói nacional que representasse o sentimento nacionalista que o país vivenciava com a Proclamação da República em 1889, Gonçalves Dias consolidou entre nós tanto o Romantismo em si como o Indianismo incipiente. Neste levantamento bibliográfico sucinto, apresentamos este escritor e poeta ímpar, seu ideal literário, o nacionalismo que plasmou em sua obra e um recorte dela com o poema *Marabá*.

**Palavras-chave**

Indianismo, Nacionalismo, Gonçalves Dias, *Marabá*.

**Abstract**

In this article we deal with Brazilian nationalism expressed by Gonçalves Dias in his work and, as an example, *Marabá*, one of his most iconic poems, where the lyrical self is expressed through character's pain of being excluded from her habitat the lament for the lack of the sense of belonging, the same way that happened to the poet. Despite his Lusitanian ancestry on his father's part, Gonçalves Dias was always homesick about the land that had witnessed his birth and growth, his beloved Brazil when he was in Portuguese lands. Extolling our Brazilian natural beauties inside and outside its geographical boundaries in full swing of the first phase of Romanticism and in the pursuit of a national hero who represented the nationalist feeling that the country had been experiencing since the Republic Proclamation in 1889, Gonçalves Dias consolidated among us both

---

30Yzy Maria Rabelo Câmara é licenciada e bacharel em Psicologia e bacharel em Serviço Social pela Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará respectivamente e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. Clínica em Fortaleza há mais de dezesseis anos em consultório próprio e no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto e tem doze anos de prática docente em diversas IES do Ceará. Atualmente é professora de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Ceará - FIC e tutora a distância pela UFC/UAB. yzyrabelo@hotmail.com

31Yls Rabelo Câmara é licenciada e especialista em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa (Letras – Inglês) pela Universidade de Santiago de Compostela e especializanda no ensino do espanhol como língua estrangeira pela Faculdade Ateneu. Possui vinte e sete anos de experiência docente e atualmente é tutora a distância nas coordenações de português, inglês e espanhol, na faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UFC/UAB e professora de pós-graduação da Faculdade Ateneu. ylscamara@hotmail.com

Romanticism itself and the incipient Indianism. In this brief literature review, we present this unique writer and poet, his literary ideal, the nationalism that he shaped in his work and an example of such work with the poem *Marabá*.

#### **Keywords**

Indianism, Nationalism, Gonçalves Dias, *Marabá*.

### **Considerações iniciais**

Nesta edição da *Revista Entrelaces*, a temática é o nacionalismo brasileiro. A Literatura presta-se a muitos papéis, dentre os quais está o de registrar em forma de arte escrita o momento histórico pelo qual passa um povo, como uma testemunha silente que lega ao futuro o presente e o passado cristalizados em palavras.

Na História do Brasil, alguns têm sido os episódios que denotaram e denotam o nacionalismo dos nossos antepassados assim como dos nossos congêneres. Dentre eles, dois momentos particularmente importantes e que seguem vivos no inconsciente coletivo da nação: a primeira fase do Romantismo, onde o Indianismo elevou nosso aborígene à condição de herói nacional e representante fidedigno de nossos valores, e a Semana de Arte Moderna de 1922, com os modernistas que lhe sucederam, quando o Antropofagismo tencionou fagocitar e subestimar tudo o que não era nacional e incentivar e superestimar o que era.

Neste artigo, fazemos um recorte histórico-literário do nacionalismo em si para que possamos analisar brevemente o Indianismo, sua importância para nossas Letras, e, como representantes deste movimento, Gonçalves Dias e seu poema *Marabá*. Para tanto, primeiro delineamos a presença indígena na Literatura; em seguida, traçamos algumas linhas sobre Gonçalves Dias e a ligação entre o Indianismo e o nacionalismo para, por último, analisarmos o poema *Marabá*, de sua autoria, como representante deste sentimento de amor à pátria.

### **O índio na literatura brasileira**

Segundo Carvalho (1997), a figura do índio na Literatura brasileira remonta ao século XVI, à carta de Pero Vaz de Caminha, quando ele aparece como uma referência do nativo da *Terra Brasilis*, para fim de registro somente. Tempos depois,

reaparece como personagem nas obras de Anchieta, assim como em *O Uruguai*, de Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão, ainda que sem a exaltação ufanista que se lhe daria a partir do Romantismo, representado especialmente pelas obras indianistas de José de Alencar e de Gonçalves Dias.

Antes deles, uma vez que os escritores portugueses não aderiram à tendência francesa de considerar o aborígine brasileiro sob o prisma do “bom selvagem” (heróico, virginal, corajoso e honesto, o *bon sauvage* rousseauiano em voga na Europa dos séculos XVII e XVIII), ancorados por sua vez nos ideais heróicos e cavalherescos medievais explorados na *Demanda do Santo Graal*, segundo Coutinho (1969 *apud* Grizoste, 2013, p. 382), “Coube aos poetas brasileiros pós independência criarem um indianismo, que surge com Gonçalves de Magalhães, depois com Teixeira de Sousa, chegando ao seu apogeu com Gonçalves Dias”.

Quanto a este último, curiosamente, ainda que o associemos de imediato ao Indianismo, percebemos que poucos de seus poemas têm como motivo o índio e os que podem ser considerados “indianistas” não seguem a tradição francesa em vigor, baseada na teoria do “bom selvagem” que supra citamos, mas desconstroem “[...] a visão colonialista acerca do universo nativo [...] porque ainda que os índios despertassem a curiosidade dos primeiros cronistas portugueses, estes viam seus costumes como diabólicos e que careciam de civilizar-se” (GRIZOSTE, 2013, p. 382).

A bem da verdade, nossos nativos não foram tratados pela grande maioria dos literatos com o devido respeito que se mereciam por suas inúmeras diferenças étnicas e culturais, mas reduzidos à condição de “índios”, generalizados em uma grande categoria de homens, mulheres e crianças que escapavam aos moldes “civilizados” e desejáveis para a época, em um Brasil profundíssimamente influenciado culturalmente pela Coroa portuguesa e pelos refinamentos europeus (KAUSS, 2010). Ainda assim, para Sousa Pinto:

[...] o indianismo foi uma verdadeira declaração de amor à pátria, que tem uma visão entristecida e aformoseada da pátria tropical, e de longe o indianismo gonçalvino o mais autêntico de todos. O índio de Gonçalves Dias não é mais autêntico do que o de Gonçalves de Magalhães ou de Norberto pelas circunstâncias de ser mais índio, mas por se mais poético (1931 *apud* GRIZOSTE, 2013, p. 395).

Este olhar poético sobre o índio é o que comprovamos no poema *Marabá*, além de *Y-Juca Pirama*, *Canção do Tamoio*, *Canto do Piaga*, *O Gigante de Pedra* e

*Leito de Flores Vermelhas*. Com sua morte extemporânea, Gonçalves Dias deixou inacabado seu poema épico *Os Timbiras*. Lamentavelmente, o que era para ser uma obra definitiva, com dezesseis cantos, tornou-se uma tentativa sem êxito de sê-lo, uma vez que naufragou junto com seu autor, em sua última viagem de retorno ao Brasil, em 1864.

Os modernistas retomaram a temática indianista, ainda que *en passant*, logo no início do movimento, com o poema *Pau Brasil*, com o antropofagismo de Oswald de Andrade e, em seguida, com *Macunaíma*, de Mário de Andrade (CARVALHO, 1997). Depois de um longo hiato, os índios voltaram à tona em obras como *Meu Tio, o Yauaretê*, de Guimarães Rosa, e *Utopia Selvagem*, de Darcy Ribeiro, considerada por Carvalho (1997, p. 52) “o maior exemplo de indianismo de nossa literatura”. Já para Souza Pinto (1928 *apud* Grizoste, 2013), este título pertence a *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias; para este investigador, com esta obra, ainda que inacabada, o indianismo atingiu seu apogeu.

Assim sendo e em consonância com esses estudiosos, canalizamos nossa atenção para quem julgamos ser o mais importante de todos os escritores e poetas indianistas brasileiros de todos os tempos: Gonçalves Dias, sobre quem discorreremos a seguir.

### **Gonçalves Dias sob um novo olhar**

Antonio Gonçalves Dias viveu apenas quarenta e um anos, boa parte deles entre a Europa e o Brasil e, dentro do Brasil, entre o Maranhão e o Rio de Janeiro, em navios a vela ou a vapor (LIMA, 2014). Em sua última viagem da Europa para o Brasil, em 1864, já tocado pela tuberculose, o navio que o trazia de volta à sua terra se chocou contra um banco de areia no baixo de Atins, no Maranhão. Todos se salvaram menos ele, que dormia em seu camarote no porão e não foi acordado a tempo. O maior poeta maranhense naufragou junto com o *Ville de Boulogne*, avizinhandose de sua terra querida e das “palmeiras onde canta o sabiá”.

Quando jovem, Gonçalves Dias pôde desfrutar da companhia de seus congêneres abastados da vila de Caxias, no Maranhão, uma pequena cidade predominantemente lusitana e cujas famílias burguesas enviavam seus jovens para Portugal, a fim de prepará-los oficialmente para uma carreira. Já adolescente, Gonçalves

Dias emigrou para Coimbra onde, anos depois, tornou-se advogado ainda que com muitas dificuldades econômicas, uma vez que seu pai havia morrido sem deixar-lhe aquinhado, e saudosos do Brasil.

O movimento pendular que empreendia entre o Brasil e a Europa e entre o Maranhão e o Rio de Janeiro o fez cidadão de lugar nenhum, conforme Lima (2014). A incompletude sempre fizera parte indissociável de sua personalidade: além do sentimento ambíguo de pertença/não pertença a lugares tão díspares, Gonçalves Dias era descrito por seus compatriotas como uma pessoa que oscilava entre o pessimismo e o otimismo (GRIZOSTE, 2013). Se nos detivermos em sua biografia, comprovaremos que muito desta ambivalência era devido às suas origens e à sua cor, que o minimizavam perante os outros rapazes, já que era mestiço, filho ilegítimo de um português (João Manuel Gonçalves Dias, um rico comerciante de Celorico de Basto e estabelecido em Caxias, Maranhão) com uma cafuza chamada Vicência Mendes Ferreira, uma mulher pobre e que fora abandonada pelo marido (LIMA, 2014). Sua ascendência indígena aflorou nele um orgulho que se externalizava em forma de poesia, quer em seus textos em prosa quer em seus textos em verso. Marabá, a índia mestiça, representa este amálgama entre o nacional e o estrangeiro, entre as nossas raízes mais genuínas e a contaminação cultural trazida da Europa. Indo um pouco mais além desse conceito, Kauss afirma que:

O mestiço que somos hoje – étnico ou cultural, tanto faz – foi forjado numa base de abandono, solidão, tristeza, morte, mas, apesar de tudo, vencendo os obstáculos, sobreviveu e, hoje, busca o reconhecimento da diferença como um fator positivo na formação do Brasil, da América Latina (2010, p. 35-36).

O rechaço social não o sentia somente Gonçalves Dias, mas muitos dos poetas e escritores românticos de sua geração que tinham a mesma gênese que ele, incompreendidos pela grande massa preconceituosa que não acatava a ilegitimidade filial e os condenava às fimbrias da sociedade.

Independentemente deste detalhe acerca de sua vida pessoal, se o Indianismo em nosso país teve a força que o caracterizou, muito o devemos a este mestiço sensível, que com maestria soube alçar a figura de nosso aborígine à condição de herói nacional em um momento ímpar de nossa História: quando recém libertos das amarras que nos prendiam à metrópole, ensaiávamos os primeiros passos rumo à concretização do conceito de nação, de pátria independente.

Esta ligação entre o Indianismo e o nacionalismo é o que trataremos a seguir.

### **O indianismo e sua ligação com o nacionalismo**

Diferentemente da ideia que os escritores portugueses veiculavam acerca dos “índios” brasileiros, de que os mesmos eram desumanos e bárbaros antropofágicos, os autores indianistas brasileiros mostravam o espírito elevado de nossos ancestrais em suas obras e deitavam por terra a premissa do índio mau, substituindo-a pela do *bon sauvage* rousseauiano que já mencionamos antes (MACHADO, BARROSO e ALMEIDA, 2010). Esta tendência levou leitores e escritores a reconfigurar a imagem que se tinha de nossos antepassados e redimensioná-la dentro no novo contexto em que viviam, pós Independência.

Com o Brasil livre do jugo de Portugal, surgiu a necessidade de se criar uma literatura autóctone que exaltasse nossas riquezas naturais, nossa gente, nossos costumes, nossas tradições e nossos mitos. Buscou-se representar a pujança, a vitalidade e a esperança da nação recém-constituída na figura de um herói e, para atender esta demanda, ninguém melhor do que nossos ancestrais, nossos aborígenes, na visão dos indianistas. Conforme afirma Grizoste (2013), o índio fora escolhido para simbolizar o espírito indômito da nova pátria porque além de ser o nativo de fato e de direito da *Terra Brasilis*, não se deixou escravizar; era autêntico; defendia suas terras, sua cultura e sua história nem que para fazê-lo tivesse que renunciar à própria vida.

Tamanhas bravura e autenticidade incitaram os indianistas a vê-lo como o herói nacional que rivalizava, guardadas as devidas proporções, com os cavaleiros medievais que guardavam o Santo Graal e os interesses da nobreza e do clero sem renunciar necessariamente o amor pelo povo. Em outras palavras, o Indianismo “[...] era uma tentativa, uma realização fecunda do nacionalismo americano, um produto literário tentando transpor às tradições heroicas e mitológicas da Europa, com uma mitologia e um heroísmo americano” (Sousa Pinto, 1928, *apud* Grizoste, 2013, p. 391). Para Oliveira:

A utopia indianista, em linhas gerais, estrutura-se como uma espécie de primitivismo americano, haja vista a ânsia de retornar às raízes mais primitivas do homem do Novo Mundo, recuperando sua vivência “não-civilizada” de caráter acentuadamente natural, o que, no diapasão de Herder e Rousseau, significa mais verdadeira (2006, p. 91).

No que concerne ao nacionalismo *per se*, advindo do entusiasmo que aquele contexto de novidades esperançosas suscitava, Machado, Barroso e Almeida (2010, p. 21) definem que: “O indianismo e o regionalismo foram formas que os autores encontraram de conferirem uma ideia de nacionalidade à literatura brasileira, pelo fato de que não havia nada mais nacional neste país do que „os que aqui sempre estiveram””.

Afunilando um pouco mais esta questão e direcionando nosso olhar para o mais indianista dos indianistas, Gonçalves Dias, uma índia marabá, resultado do amálgama racial que caracteriza o povo brasileiro, foi a forma que o poeta encontrou de expor-nos esta semelhança, esta identificação. Analisaremos este poema a seguir, na última seção deste artigo.

### **Análise do poema *Marabá*, de Gonçalves Dias**

#### **Marabá (Gonçalves Dias)**

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!  
Acaso feita  
Não sou de Tupá?  
Se algum dentre os homens de mim não se esconde:  
“Tu és”, me responde,  
“Tu és Marabá!”  
Meus olhos são garços, são cor das safiras,  
Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;  
Imitam as nuvens de um céu anilado,  
As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:  
“Teus olhos são garços”,  
Responde anojado, “mas és Marabá:  
Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,  
Uns olhos fulgentes,  
Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!”.

É alvo meu rosto da alvura dos lírios,  
Da cor das areias batidas do mar;  
As aves mais brancas, as conchas mais puras  
Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delírios:  
“És alva de lírios”,  
Sorrindo responde, “mas és Marabá:  
Quero antes um rosto de jambo corado,  
Um rosto crestado  
Do sol do deserto, não flor de cajá”.

Meu colo de leve se encurva engraçado,  
Como hástrea pendente do cactus em flor;

Mimosa, indolente, resvalo no prado,  
Como um soluçado suspiro de amor!

“Eu amo a estatura flexível,  
ligeira, Qual duma palmeira”,  
Então me respondem; “tu és Marabá:  
Quero antes o colo da ema orgulhosa,  
Que pisa vaidosa,  
Que as flóreas campinas governa, onde está”.

Meus loiros cabelos em ondas se anelam,  
O oiro mais puro não tem seu fulgor;  
As brisas nos bosques de os ver se enamoram  
De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: “Teus longos cabelos,  
São loiros, são belos,  
Mas são anelados; tu és Marabá:  
Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,  
Cabelos compridos,  
Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá”.

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem nas direi?  
O ramo d'acácia na frente de um homem  
Jamais cingirei.

Jamais um guerreiro da minha arazoia  
Me desprenderá:  
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá!

*Marabá* é um dos poemas mais conhecidos e estudados de Gonçalves Dias; pertence à primeira fase do romantismo brasileiro, situado entre 1836 e 1852, e trata da história de Marabá, uma índia mestiça que sofre rejeição tanto por parte de sua tribo, quanto por parte dos “homens brancos”, devido a sua mestiçagem, que aponta para uma falta de pureza racial. Sua crise de identidade pela falta de sentimento de pertença acaba provocando nela um profundo sentimento de rechaço e uma dorida inquietação anímica quanto ao seu futuro em relação ao elemento masculino: “[...] *Marabá* não é um poema de exaltação à mestiçagem, mas de lamento e desesperação pela condição diante da pureza de raça perdida” (GRIZOSTE, 2013, p. 379).

A temática do poema é antecipada no próprio título, formador de um sintagma catafórico, uma vez que “[...] é ao mesmo tempo, indicador do sujeito do enunciado, isto é, do personagem: uma índia mestiça de cabelos loiros, e indicador do tema geral, ou seja, tema da marginalidade social de um ser.” (NAVARRO, 1981 *apud* SANCHES, 2009, p. 91). Curiosamente, o substantivo comum *marabá* é utilizado neste

poema como antropônimo, o que significa, em outras palavras, que grande importância se dá a “esse sujeito em trânsito incapaz de se definir por etnia, uma vez que o mestiço é um sujeito sem *locus* (APOLINÁRIO, 2014, p. 188).

Conforme Gonçalves Dias, a inspiração para conceber *Marabá* veio de um trecho de uma *Crônica da Companhia*, onde se conta a história de uma velha indígena que havia “enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamam marabá, que quer dizer mistura” (DIAS, 1958 *apud* KAUSS, 2010, p. 34). Este ato era comum à época da colonização, segundo Kauss, e ocorria em outros países da América Latina de forma concomitante.

O amor rechaçado é algo que o poeta conhecia de perto. A índia Marabá estava condenada a não ser correspondida pelos seus devido à sua origem mestiça. Identificando-se com ela, Gonçalves Dias sofrera o mesmo preconceito porque por razão de sua origem igualmente mestiça, ademais de ilícita, não se casou com a mulher que amava, a jovem Ana Amélia, cunhada e prima de seu amigo Alexandre Teófilo, mas resignadamente contraiu núpcias com Olímpia Coriolano da Costa tempos depois (LIMA, 2014). Quanto ao rechaço constante que sofre Marabá no poema homônimo, segundo Lima:

Alguns críticos [cf. RONCARI, 2002; FERNANDES, 1989] veem aqui um contraponto entre o ideal de beleza europeu e o indígena, sob a ótica deste; enquanto outros o interpretam como um lamento diante da condição mestiça e da “pureza da raça” perdida. É oportuno lembrar, contudo, que a mestiçagem como ideologia só tomou corpo no ambiente literário brasileiro a partir de finais do século XIX, e, mesmo assim, numa perspectiva determinista na qual o mestiço encerra os defeitos e as taras transmitidos pela herança biológica [cf. ORTIZ, 1994] (2014, p. 64).

No que concerne à técnica literária, *Marabá* é um poema formado por onze estrofes e cinquenta e quatro versos de cinco a onze sílabas poéticas (sempre uma átona seguida de uma tônica e logo duas átonas seguidas de uma tônica que, ao serem lidas, dão-nos uma ideia de um toque de tambor), sendo seis quartetos e cinco sextetos, que seguem o esquema de rimas AA B CC B/D E F E. Neste poema, estão presentes figuras de linguagem em profusão e que conferem sonoridade à obra, entre elas podemos citar algumas: personificação, assonância, hipérbato, metáfora, sinestesia, sinaléfa, símile, anapéstio, etclipse e aliteração.

Para melhor expressar a dor anímica experimentada pelo eu lírico de Marabá, as vogais fechadas *o* e *u* repetem-se ao longo do texto de maneira intencional

por parte do poeta. Podemos dizer que, guardadas as devidas proporções, o canto de dor e de rechaço de Marabá é um exemplo longínquo das cantigas de amigo pertencentes ao Trovadorismo, à lírica medieval galego-portuguesa. Assim como naquelas composições, a voz poética da jovem revela, no monólogo, a dor de ser preterida, rechaçada, humilhada e socialmente execrada.

### Considerações finais

Ao concluirmos este trabalho ratificamos que *Marabá* é um poema que representa bem o Indianismo presente na primeira fase do Romantismo em terras brasileiras e que imprimiu uma nota de nacionalismo à nossa pátria recém liberta dos laços com a metrópole. Contudo, cremos que o tema merece maior aprofundamento, uma vez que não é tão estudado como supúnhamos *a priori*. *Marabá*, Gonçalves Dias e Nacionalismo fazem parte de um amálgama que nos leva a refletir sobre as nossas origens, de onde bebemos a inspiração que nossos indianistas tiveram outrora: o amor pela pátria tão abalado nos dias que correm.

### REFERÊNCIAS

POLINÁRIO, Débora de Freitas Ramos. Gonçalves Dias e Gregório de Matos Guerra. 2014. Marabá: estudos sobre mestiçagem em **Revista Litteris**, v. 2, n. 13, p. 184-197,

CARVALHO, Fernando. A presença indígena na ficção brasileira. **Itinerários**, n. 11, p. 49-53, 1997.

DIAS, Gonçalves. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/goncalves-dias/poemas.php> (Última Consulta: 30 de novembro de 2015).

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. Gonçalves Dias e a procura da identidade brasileira. **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**, v. 2, n 2, p. 371-400, nov, 2013.

KAUSS, Vera. Figurações do mestiço indígena latino-americano em Marabá, de Gonçalves Dias e Tabaré, de Juan Zorilla de San Martín. **Revista Magistro, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas: UNIGRANRIO**, v. 1, n 1, p. 30-41, 2010.

LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo em Gonçalves Dias. **Nau Literária - Crítica e Teoria de Literaturas**, v. 10, n.2, p. 53-63, jul-dez, 2014.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; BARROSO, Suellen Lopes; ALMEIDA, Reselene Vaúna de. A construção da cultura literária brasileira: Gonçalves Dias, o consolidador da identidade nacional na literatura do Brasil. **Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades**, n. 5, p. 19-29, abr-nov, 2010.

OLIVEIRA, Andrey Pereira de. O Indianismo romântico como primitivismo americano: o caso Gonçalves Dias. **Graphos**, v. 8, n. 2, p. 87-113, 2006.

SANCHES, Rafaela Mendes Mano. **O indianismo sob a ótica de Gonçalves Dias e José de Alencar: tradição ou ruptura?** 2009. 191 f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas: Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.